

## OS SIGNIFICADOS SOCIAIS DA VARIAÇÃO SEU/TEU: INVESTIGANDO OS POSSESSIVOS NA FALA DO ATOR FÁBIO PORCHAT

### SOCIAL MEANINGS OF SEU/TEU VARIATION: INVESTIGATING POSSESSIVES FORMS IN FÁBIO PORCHAT'S SPEECH

Thiago Laurentino de OLIVEIRA<sup>1</sup>

Brenda Gonçalves TOSI<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste artigo, pretende-se analisar os significados sociais potencialmente vinculados ao uso variável dos pronomes possessivos com referência à segunda pessoa do singular (2SG), com especial atenção para a variante 'teu' (e flexões). O ponto de partida de nossa discussão é o estudo monográfico de Tosi (2021), que investigou esse fenômeno adotando uma visão macrosociológica. Agora, intencionamos explorar uma nova perspectiva para o fenômeno em questão, avançando para um entendimento mais estilístico de tratamento da variação, nos termos do que Eckert (2012) denomina como estudos sociolinguísticos de terceira onda. Assim, almejamos analisar a questão dos significados sociais das variantes retomando uma questão antiga da área (LABOV, 1963). Nesta análise, serão investigadas as seguintes questões: (i) quais significados sociais o uso da variante 'teu' indicia na fala do artista analisado? e (ii) há uma relação entre o uso expressivo dessa variante e o tipo de personagem interpretado? Como hipótese, assumimos que a variante 'teu' indicia valores relacionados à informalidade, agressividade e masculinidade na variedade carioca. Os resultados preliminares fornecem evidências favoráveis às hipóteses em investigação: os índices de 'teu' são mais elevados nas cenas que trazem personagens mais representativos do padrão de masculinidade e a variante 'teu' é mais produtiva nas cenas informais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Variação Linguística. Significados Sociais. Pronomes Possessivos.

**ABSTRACT:** In this article, we intend to analyze the social meanings potentially linked to the variable use of possessive pronouns with reference to the second person singular (2SG), with special attention to the variant 'teu' (and inflections). The starting point of our discussion is the monographic study by Tosi (2021), who investigated this phenomenon by adopting a macro sociological view. Now, we intend to explore a new perspective for the phenomenon in question, moving towards a more stylistic understanding of the treatment of variation, in terms of what Eckert (2012) calls third-wave sociolinguistic studies. Thus, we aim to analyze the question of the social meanings of the variants, returning to an old question in the area (LABOV, 1963). In this analysis, the following questions will be investigated: (i) what social meanings does the use of the variant 'teu' indicates in the analyzed artist's speech? and (ii) is there a relationship between the expressive use of this variant and the type of character

1. Doutor em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor Adjunto do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ e do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: thiagolaurentino@letras.ufrj.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9537-5264>.

2. Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutoranda em Letras Vernáculas na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: brendatosi@letras.ufrj.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-7463-5631>.

played? As a hypothesis, we assume that the variant ‘teu’ indicates values related to informality, aggressivity and masculinity in the carioca variety. Preliminary results provide favorable evidence to the hypotheses under investigation: the use of ‘teu’ is higher in scenes that bring characters more representative of the masculinity pattern and the variant ‘teu’ is more productive in informal scenes.

**KEYWORDS:** Linguistic Variation. Social Meanings. Possessive Pronouns.

## Introdução

No âmbito das pesquisas sobre o sistema pronominal do português brasileiro, é possível encontrar uma grande variedade de estudos acerca dos pronomes possessivos (KATO, 1985; PERINI, 1985; SOARES, 1999; DANTAS, 2008), principalmente a respeito das formas possessivas que fazem referência à 3ª pessoa do singular (SILVA, 1984; LACERDA, 2010; SOUZA; SANTANA, 2013; GUEDES, 2015; LOPES; GUEDES, 2020). No entanto, ao tratarmos sobre o fenômeno variável das formas possessivas que fazem referência à segunda pessoa do singular (2SG), ‘teu’ e ‘seu’, a literatura sobre o tema é mais escassa (ARDUIN, 2005; PEREIRA LUCENA, 2016; TOSI, 2021), especialmente no que tange à investigação da percepção dos falantes acerca das estratégias possessivas em questão.

Neste artigo, discutimos e analisamos os significados sociais que podem ser associados ao uso da variante pronominal possessiva ‘teu’ (e flexões) na 2SG. Para tal, iremos nos basear nos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]; ECKERT, 2012, 2019), uma vez que assumimos que as formas possessivas ‘teu’ e ‘seu’ estão em variação no português brasileiro (PB). Para fins de análise, utilizaremos o *corpus* construído por Tosi (2021), que reúne um conjunto de ocorrências das formas possessivas de 2SG extraídas de esquetes humorísticos do canal do *YouTube* Porta dos Fundos. Em (1-4), reproduzimos alguns dados encontrados nessa amostra:

- (1) “Você lava a **sua** boca para falar de político brasileiro!”
- (2) “Eu também odeio esse cheiro que está saindo da **tua** boca.”
- (3) “Seu pastor, por favor, faz aqueles **teus** truques”
- (4) “Beto, esse Ivermectina que eu achei ali no banheiro é **seu**?”

Intencionamos, neste artigo, aprofundar a discussão em questões mais estilísticas acerca do fenômeno em análise, priorizando o tema dos significados sociais das variantes, uma questão antiga no âmbito da Sociolinguística (LABOV, 1963), mas que, por certo tempo, ficou em segundo plano nos estudos da área. No trabalho de Tosi (2021), por exemplo, encontramos uma análise bastante ampla das formas possessivas de 2SG, que explora, principalmente, a correlação entre as variantes linguísticas e algumas categorias macrossociológicas, como sexo/gênero, naturalidade dos indivíduos dentre outras. O papel dos significados sociais não foram, contudo, efetivamente explorados. Diante dessa constatação, pretendemos, portanto,

explorar nesta análise duas questões fundamentais que emergem dos resultados gerais a que chegou Tosi (2021): (i) quais significados sociais o uso da variante ‘teu’ pode indexicalizar na fala carioca?; (ii) há uma relação significativa entre o uso dessa variante e o perfil social dos personagens representados nos esquetes?

Essas questões são propostas a partir de alguns resultados de Tosi (2021). Na análise de regra variável, a autora verificou que a variante ‘teu’ era favorecida pelos fatores extralinguísticos (i) ‘naturalidade dos atores’ (sendo mais utilizada por aqueles que são naturais da cidade do Rio de Janeiro), (ii) ‘tipo de relação interpessoal’ (foi a variante mais presente em situações íntimas ou informais) e (iii) ‘sexo dos atores’ (já que foi a variante mais produzida pelos personagens masculinos). O resultado estatístico, entretanto, não é capaz de esclarecer, por exemplo, certas diferenças detectáveis a partir do exame qualitativo dos dados. Por exemplo, nem todos os atores cariocas homens refletem, em seus usos, o padrão geral observado (ou seja, produzem mais ‘teu’ do que ‘seu’). Além disso, não fica evidente quais seriam as motivações sociolinguísticas para o maior uso de ‘teu’ na fala de alguns atores (como, por exemplo, de Fábio Porchat, foco deste estudo, conforme detalharemos nas próximas seções).

Nesse sentido, buscando explicar esses padrões de variação em consonância com os conceitos de significados sociais e construção de identidade, assumimos a hipótese de que a identidade construída pelo ator para a elaboração do personagem nos vídeos impacta diretamente o uso variável dos possessivos de 2SG. Isso ocorre, segundo esse raciocínio, porque as variantes ‘seu’ e ‘teu’ estão associadas, em diferentes graus, a significados sociais como intimidade, informalidade e principalmente masculinidade. Como consequência disso, acreditamos que as cenas que exibem situações mais informais, íntimas ou que trazem personagens mais representativos de um padrão estereotipado de masculinidade favorecem o uso mais expressivo da variante ‘teu’.

Para empreender os propósitos dessa análise, organizamos este artigo em cinco seções, considerando esta introdução. Na segunda seção, apresentaremos, brevemente, os pressupostos gerais da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), bem como as noções de estilo, indexicalidade e identidade sociolinguística (ECKERT, 2012, 2019). Na seção seguinte, delineamos a metodologia do trabalho, na qual descreveremos o *corpus* escolhido e o método de análise adotado. Na quarta seção, reportamos os resultados alcançados a partir da amostra de dados selecionada. Por fim, na última seção, tecemos algumas considerações gerais sobre este trabalho, sintetizando os primeiros resultados encontrados e projetando as próximas etapas da agenda de investigação.

### **Pressupostos teóricos: significados sociais, identidade e estilo**

Assumimos, neste estudo, que as formas ‘teu’ e ‘seu’ constituem variantes da variável dependente ‘representação pronominal possessiva da 2SG’ no PB – e, em particular, na variedade falada no Rio de Janeiro. Desse modo, amparamos as nossas reflexões no quadro teórico da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008

[1972]; ECKERT, 2012). Assim, defendemos que os fenômenos linguísticos variáveis são condicionados tanto por fatores linguísticos quanto por sociais. Além disso, adotamos uma visão de língua como um objeto heterogêneo, dinâmico e que, portanto, a variação e a mudança linguística são aspectos inerentes e fundamentais dos fenômenos linguísticos.

Desde os trabalhos seminais, os estudos sociolinguísticos costumam “se desenvolver com base em certas categorizações sociais dos falantes” (OUSHIRO, 2019, p. 305), realizando a investigação das variantes através de macrocategorias sociais como (i) ‘sexo/gênero’, (ii) ‘faixa etária’ e (iii) ‘nível de escolaridade’. Nas últimas décadas, contudo, esse modelo de análise mais “clássico” tem recebido algumas críticas. Dentre elas, destacamos aquela referente ao enfoque excessivo no efeito das variáveis independentes sociais e estruturais, que relega, muitas vezes, a segundo plano, o papel dos significados sociais. É curioso observar, consoante Eckert (2012), que a importância dos significados sociais para a variação linguística não é algo novo, visto que já se fazia presente no estudo pioneiro de Labov (1963) nas ilhas de Martha’s Vineyard.

É inquestionável a importância dos estudos sociolinguísticos que evidenciam os efeitos significativos das macrocategorias sociais sobre diversas variáveis dependentes linguísticas. Esses estudos certamente contribuíram muito para a expansão e consolidação da perspectiva sociolinguística e, principalmente, para um melhor entendimento da dinâmica da variação e da mudança linguística. Contudo, é necessário reconhecer que esse modelo de análise não é capaz de explicitar, por si só, por que determinadas variantes são mais frequentes na fala de certas “categorias de falantes”. Além disso, nem sempre é possível também explicar os casos de falantes “atípicos”, isto é, aqueles que, embora se enquadrem em certas categorias macrosociológicas, não apresentam os usos previstos para o seu perfil social. Diante disso, tem se tornado uma tendência nos estudos sociolinguísticos mais atuais a preocupação com a variação estilística, fundamentada na agentividade do falante, em suas múltiplas identidades. Consequentemente emerge também o enfoque na variação atrelada aos significados sociais.

A análise proposta neste artigo alinha-se à vertente mais atual dos estudos sociolinguísticos, que foi rotulada por Eckert (2012) como sendo a terceira onda dos estudos de variação linguística. Cabe, portanto, nesta seção, destacar brevemente os conceitos mais importantes dessa corrente de estudos. Focalizaremos aqui os significados sociais da variação, o estilo e o conceito de identidade sociolinguística.

Segundo Battisti e Oliveira (2016, p. 22), “o estudo do significado social da variação linguística deve se basear em um estudo da prática estilística e considerar que as variáveis indexam categorias demográficas indiretamente.”. Assim, postula-se que as variantes de uma variável indexam significados sociais que partem do uso real, emerge das diversas interações sociais, situadas nos mais diversos cenários e cumprindo propósitos comunicativos específicos. Explorar os significados sociais da variação pode nos revelar, por exemplo, por que uma dada variante é mais frequente entre mulheres, entre indivíduos de uma determinada classe socioeconômica ou mesmo entre um determinado grupo sociocultural.

Na visão de Eckert (2019), isso se dá porque os falantes acessam as variantes para formar determinadas identidades e atitudes, para dizer indiretamente quem são e o que pensam, sem precisar fazer isso literalmente. É dessa maneira que as variantes linguísticas adquirem significados sociais, tais como ‘intimidade’, ‘informalidade’, ‘cortesia’, ‘masculinidade’, ‘pertencer ao grupo X’ etc. É relevante ressaltar, contudo, que os significados indexados às variantes não são estáticos, e, por isso, podem mudar em função do contexto comunicativo, da identidade do falante e mesmo em função da comunidade de fala analisada. Esse aspecto reforça a dinamicidade dos significados sociais e a relação agentiva que os falantes assumem com as variantes linguísticas.

Além dos significados sociais, o conceito de identidade tem sido considerado um elemento-chave para explicar muitos aspectos relativos à variação linguística, visto que exerce uma influência crucial na definição e interpretação dos fatores sociais elencados para os estudos sociolinguísticos. Kiesling (2013, p. 450) assinala que

[...] a identidade é um estado ou processo de relação entre o ‘eu’ e o ‘outro’; a identidade é como os indivíduos definem, criam, ou pensam sobre si em termos de sua relação com outros indivíduos e grupos, sejam eles reais ou imaginários.

Desse modo, entendemos que a identidade é algo que o próprio indivíduo, em seu papel agentivo, constrói em interação com os demais indivíduos que o cercam. Durante o processo de construção de identidade, os traços linguísticos passam a integrar um conjunto de características, no qual se encontram outros aspectos não linguísticos, como a vestimenta do falante, sua aparência física, seu comportamento, gostos pessoais etc. Explorar a identidade construída (ou pretendida) pode ser fundamental para compreender certos padrões de variação, como pretendemos demonstrar na seção de análise deste artigo.

Em relação ao estilo, verificamos que existem, pelo menos, três abordagens desse conceito na sociolinguística: (i) a abordagem que entende estilo como o grau de atenção destinado à fala (estilo mais ou menos monitorado); (ii) a abordagem que considera a influência do público ou audiência sobre a performance linguística do falante; (iii) a abordagem que entende estilo como expressão da agentividade do falante. Sem pretensões de detalhar as particularidades de cada abordagem, destacamos aqui a terceira conceituação de estilo, visto que é essa que dialoga mais diretamente com os pressupostos dos estudos de terceira onda. Assim, estilo, nessa perspectiva, pode ser considerado sinônimo da performatividade linguística do falante, que integra a construção de sua própria identidade. Freitag *et al.* (2012, p. 923) aponta que “a face renovada de estilo o identifica com o modo como os falantes combinam variáveis para criar modos distintivos de fala, que fornecem a chave para a construção da identidade”.

Tendo em vista a conjunção desses três conceitos amplamente explorados nos estudos de terceira onda dos estudos da variação linguística – significados sociais, identidade e estilo –, buscamos desenvolver a análise do uso variável dos pronomes possessivos de 2SG identificado nos esquetes humorísticos extraídos do *YouTube*. O intuito central é, portanto, demonstrar

como a exploração desses conceitos pode fornecer evidências para explicar os padrões de variação observados na análise por macrocategorias de Tosi (2021). Antes de apreciarmos os resultados, é necessário delinear a metodologia proposta para esta investigação.

## Corpus e metodologia

Utilizamos como *corpus* deste trabalho o conjunto de dados coletados por Tosi (2021). Em sua amostra, a autora levantou 773 ocorrências de pronomes possessivos de 2SG, transcritas a partir dos diálogos dos esquetes humorísticos do canal do *Youtube* Porta dos Fundos. Desses 773 dados, selecionamos para esta investigação 69 ocorrências que foram produzidas nas falas de um mesmo indivíduo: o ator Fábio Porchat. Esses dados foram retirados de 38 vídeos distintos, que também foram analisados, de maneira global, a fim de observarmos certos aspectos extralinguísticos. A escolha de analisar apenas os dados produzidos por este ator justifica-se pelo fato de que, na amostra, Porchat foi o maior produtor da variante ‘teu’: das 69 ocorrências, registradas, 47 correspondem ao uso dessa variante.

Ainda sobre o *corpus* adotado, cumpre pontuar que, devido ao seu caráter humorístico, os esquetes nos fornecem usos linguísticos mais estereotipados e marcados, não correspondendo, evidentemente, a dados de um uso mais espontâneo da língua. Em vez disso, estamos diante de dados que foram produzidos na esfera do gênero dramático, no qual temos acesso a uma fala representada. Apesar disso, entendemos que essas características do material analisado mais favorecem do que prejudicam os propósitos deste trabalho, uma vez que essa fala representada bem como a estereotipagem dos usos linguísticos podem salientar ainda mais os significados sociais das variantes possessivas.

Além disso, postulamos que, ao trabalhar na construção dos personagens, os atores acenam (consciente ou inconscientemente) os significados sociais das formas linguísticas com o intuito de se aproximarem da fala cotidiana, de gerarem verossimilhança. Assim, ao construir a identidade de um personagem, o ator lança mão de diversos elementos, como a postura assumida em cena, o tom de voz, as vestimentas utilizadas e, certamente, usos linguísticos específicos.

São esses aspectos que procuraremos evidenciar nos dados de pronomes possessivos de 2SG identificados nas cenas do ator Fábio Porchat, no contexto dos esquetes humorísticos do Porta dos Fundos. Porchat faz parte do elenco fixo do canal, o que certamente contribuiu para que ele fosse, na amostra de Tosi (2021), um dos maiores produtores de dados de pronomes possessivos de 2SG. Ao examinar especificamente os dados extraídos das falas do referido ator, verificamos que a sua frequência de uso da variante ‘seu’ era baixa (32%) e o fazia destoar do padrão geral dos outros atores analisados: dos 773 dados analisados, 468 (60,5%) correspondiam à variante ‘seu’, ou seja, a maior fatia da amostra. Desse modo, a seleção dos dados desse ator para análise é intencional. Com isso, pretendemos investigar em quais contextos Porchat produziu os poucos dados do pronome possessivo ‘seu’ e em quais ele utilizou expressivamente o pronome ‘teu’.

A fim de cumprir os objetivos deste estudo, elaboramos uma metodologia de caráter eminentemente descritivo e qualitativo, estruturada em três etapas. Foram elas: levantamento de informações detalhadas dos esquetes, tabulação das informações extraídas dos vídeos e análise de estatística descritiva. Descrevemos brevemente, a seguir, essas etapas.

Na etapa de levantamento de informações detalhadas dos esquetes, assistimos a todos os vídeos dos quais o ator Fábio Porchat participava e nos quais ele havia produzido dados de pronomes possessivos de 2SG. O intuito da primeira etapa era levantar informações relevantes para a análise do estilo, identidade e significados sociais. As questões colocadas para essa etapa foram: (i) na cena, o ator busca performar um personagem marcado pelo estereótipo de masculinidade? (ii) o contexto da cena envolve algum grau de formalidade? Para fundamentar a questão acerca do estereótipo de masculinidade, foi preciso definir como interpretaríamos a noção de estereótipo. Para tal, recorremos a Silva (2008, p. 7):

Vivemos durante muito tempo em uma sociedade em que as diferenças sexuais homem-mulher, macho-fêmea, menino-menina eram marcadas por fatores biológicos, considerados determinantes do comportamento do que é ser homem ou mulher. Na sociedade ocidental esperava-se da mulher atributos ditos “naturais”, como maternidade, ternura, compreensão, subjetividade, conciliação etc.; e dos homens, agressividade, ousadia, determinação, objetividade.

Adotamos, pois, como critério de análise, que o ator estaria performando um personagem “mais masculino” quando enfatizasse nas cenas aspectos geralmente associados ao estereótipo do homem cis heterossexual ocidental: agressividade, ousadia, determinação, objetividade, rudeza, certo autoritarismo etc. Em contrapartida, quando o ator interpretasse, por exemplo, um personagem homossexual ou com comportamento mais terno, delicado e passivo, isso caracterizaria um afastamento do estereótipo de masculinidade. Essa observação levou em conta, também, diferentes elementos visuais e comportamentais, tais como: a roupa, a maquiagem, a linguagem corporal e o tom de voz assumidos pelo ator ao representar cada personagem.

Quanto ao exame do grau de formalidade, as cenas foram analisadas de forma mais categórica, ainda que reconheçamos a existência de um *continuum* entre as situações formais e informais. Essa opção por uma análise dicotômica visava a minimizar certas nuances que, nesse momento da pesquisa, não são de interesse central. Foram consideradas como informais as cenas que envolviam situações mais descontraídas, com diálogos mais despojados, familiares e íntimos; foram tratadas como cenas mais formais aquelas que retratavam ambientes de trabalho, reuniões, registrando diálogos mais cerimoniais, polidos e/ou respeitosos.

A segunda etapa foi a de tabulação das informações extraídas dos vídeos. Em uma planilha do programa Excel, registramos os dados transcritos e os parâmetros de análise que puderam ser elaborados a partir dos aspectos observados nas cenas. Ao todo, controlamos quatro parâmetros de análise: (i) a temática explorada na história do esquete; (ii) o grau de formalidade da cena, formal ou informal; (iii) o estereótipo de masculinidade, se estava presente ou ausente; (iv)

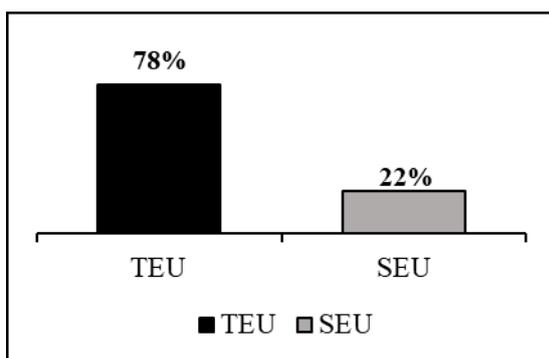
o estado de ânimo do personagem na cena, se assumia comportamento mais agressivo ou mais calmo. Embora, como já dissemos, a análise proposta seja de cunho qualitativo, entendemos que mapear quantitativamente esses parâmetros seria fundamental para observarmos a distribuição das variantes entre os personagens e mesmo localizar as cenas em que certos significados sociais seriam mais evidentes.

A terceira etapa correspondeu à análise de estatística descritiva, com a geração de gráficos de frequência a partir dos dados reunidos na planilha. Nessa fase, pudemos examinar a correlação entre o uso das variantes ‘teu’ e ‘seu’ e os parâmetros relativos a significados sociais, tais como ‘masculinidade’ e ‘informalidade’. O exame quantitativo dessas correlações foi confrontado com a análise qualitativa das cenas, a fim de nos certificarmos da relação do uso das variantes com estilos e identidades específicas dos personagens representados por Porchat. Reportamos, na próxima seção, os principais resultados encontrados no estudo, ainda de caráter preliminar.

### Análise dos dados

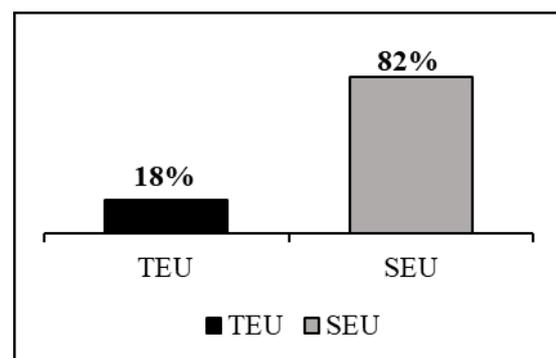
Organizamos esta seção em função dos parâmetros de análise controlados, a fim de demonstrar a possível influência dos significados sociais capturados por cada um deles. Iniciamos pelo grau de formalidade da cena, parâmetro no qual registramos a correlação entre as variantes pronominais possessivas e o contexto de formalidade ou informalidade presente na cena analisada. Baseando-nos em pesquisas anteriores (PEREIRA LUCENA, 2016; TOSI, 2021), esperávamos que, nos contextos informais, o uso da variante ‘teu’ seria mais frequente do que nos contextos mais formais. Conforme ilustram as figuras 1 e 2, verificamos que o pronome ‘teu’ foi produzido por Fábio Porchat em 78% dos dados (46 ocorrências) das cenas que envolviam contextos informais. O pronome ‘seu’ foi produzido em apenas 22% dos dados (12 ocorrências). Ao explorar as cenas de contextos mais formais, a situação observada na figura 1 se inverte: como podemos ver na figura 2, o possessivo ‘teu’ foi muito menos utilizado nesse contexto (18,2%, 2 ocorrências) do que ‘seu’ (81,8%, 9 ocorrências).

**Figura 1** – O uso dos pronomes possessivos de 2SG em contextos informais



Fonte: Elaborado pelos autores.

**Figura 2** – O uso dos pronomes possessivos de 2SG em contextos formais



Fonte: Elaborado pelos autores.

Em (5) e (6), reproduzimos duas ocorrências que ilustram o uso das variantes ‘teu’ e ‘seu’ em correlação com o grau de formalidade. Destacamos duas cenas distintas, sendo a primeira marcada por certa formalidade, e a segunda, pela informalidade:

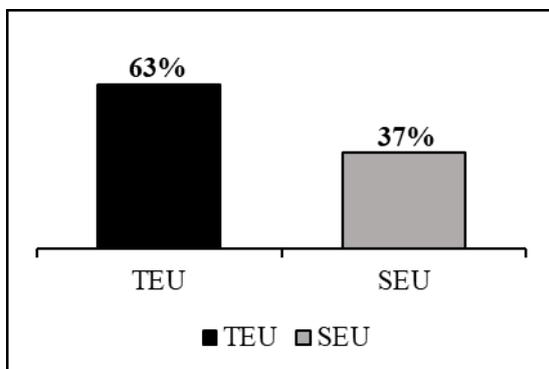
(5) Contexto informal: o personagem de Porchat está andando pela rua com a esposa e é assaltado  
“Pra não passar vergonha, **teu** nome que está valendo.” (Episódio: Ladrón)

(6) Contexto formal: sessão de terapia online, na qual Porchat interpreta o terapeuta  
“E você sonhou que a **sua** esposa então estava com outro homem.” (Episódio: Terapia a distância)

Nessas cenas, pudemos perceber uma expressiva diferença de formalidade em que se evidenciam as indexicalizações das variantes possessivas. No episódio referido em (5), temos uma cena tipicamente caracterizada como informal, na qual o ator caminha de forma descontraída com a esposa e é surpreendido por um assalto. Já no episódio mencionado em (6), o ator interpreta um personagem inserido em um contexto mais formal, no qual o diálogo retrata uma sessão de terapia. A variante ‘teu’, associada ao plano da informalidade, foi utilizada pelo ator justamente na cena mais informal.

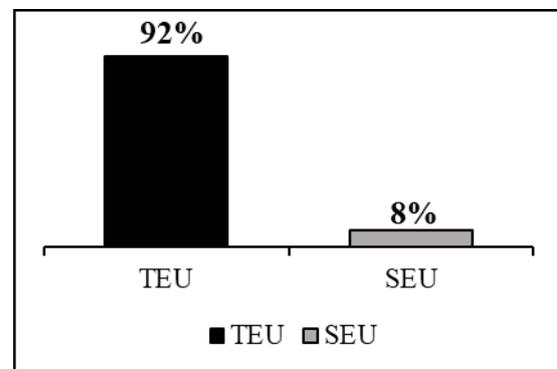
Outro parâmetro de análise foi o de estado de ânimo dos personagens interpretados por Fábio Porchat. Segundo esse parâmetro, analisamos se, nas cenas, os personagens agiam de maneira mais calma ou de modo mais agressivo. O intuito era verificar se haveria alguma correlação entre a utilização das variantes e fatores psicológicos, especificamente, nesse caso, emotivos. Como podemos visualizar nas figuras 3 e 4, por esse parâmetro, a variante ‘teu’ foi a mais frequente tanto nas cenas em que os personagens assumiam um estado de ânimo calmo quanto nas que assumiam um estado de ânimo mais agressivo. Chama a atenção, contudo, que o índice de uso mais elevado da variante ‘teu’ tenha sido registrado em cenas em que o personagem se comporta de modo mais agressivo (92%, 11 ocorrências).

**Figura 3** – O uso dos pronomes possessivos de 2SG em estados de ânimo mais calmos



Fonte: Elaborado pelos autores.

**Figura 4** – O uso dos pronomes possessivos de 2SG em estados de ânimo mais agressivos



Fonte: Elaborado pelos autores.

Esses resultados nos sugerem que há certa associação entre a variante ‘teu’ e performances linguísticas que envolvem um tom mais agressivo (brigas, discussões etc.), ao contrário da

variante ‘seu’, que parece se afastar dessas situações comunicativas. É importante destacar, porém, que seria necessário um exame mais robusto sobre essa questão, embasado em um conjunto de dados mais expressivo, visto que só foram identificados 12 diálogos considerados “agressivos”, contra 56 diálogos em que os personagens de Porchat se comportavam de forma calma. Ainda assim, acreditamos que esse resultado merece uma certa atenção, pois pode revelar que a variante ‘teu’ indexicaliza um significado social, até então, não analisado na literatura sobre o tema. Em (7) e (8), reproduzimos exemplos retirados dos diálogos analisados:

(7) Estado de ânimo agressivo: o personagem de Porchat chega bastante bravo a uma festa para a qual não havia sido convidado

“Calma é a **tua** boceta!” (Episódio: Superamigos)

(8) Situação calma: o personagem de Porchat liga arrependido para um dos seus amigos, chamando-o para a sua festa

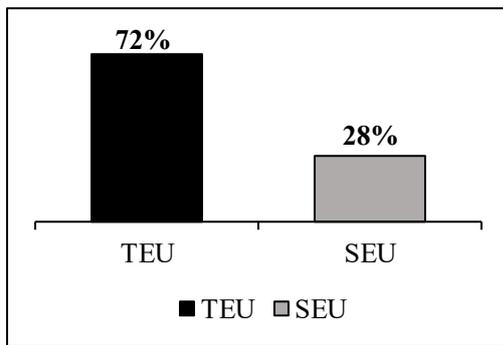
“Oi, The Flash, sou eu de novo. Peguei **seu** recado, que você tá atrasado, mas é meio que impossível, né?” (Episódio: Superamigos)

Nos exemplos destacados em (7) e (8), temos dois momentos distintos quanto ao estado de ânimo do personagem que foram extraídos do mesmo episódio. Isso evidencia a alternância entre as variantes pronominais possessivas dentro do mesmo esquete e, de certo modo, ilustra o uso performativo de ambas pelo mesmo ator. Nesse esquete, temos, no primeiro momento, a história de uma festa surpresa de aniversário. O personagem de Porchat é surpreendido ao tomar conhecimento da festa para a qual não fora convidado. Nesse momento, ele está furioso e ofende seus amigos com palavrões e utiliza a variante ‘teu’. Em outro momento do esquete, já na última cena, o mesmo personagem se arrepende do descontrole com os amigos e telefona, com semblante triste, para um deles. É nessa cena que ocorre o uso de ‘seu’. Esse breve episódio parece indicar que há uma correlação entre o pronome ‘teu’ e estados de ânimo marcados pela agressividade.

O último parâmetro a ser discutido nesta seção será o que examinou a presença ou a ausência do estereótipo de masculinidade nos personagens representados por Fábio Porchat. Através desse parâmetro, buscamos observar se uma das variantes possessivas estaria correlacionada com a expressão da masculinidade, ou seja, com uma performance na qual o ator procurasse destacar a imagem culturalmente compartilhada no Brasil do que é ser homem heterossexual (despojamento, rusticidade, certa vulgaridade etc.).

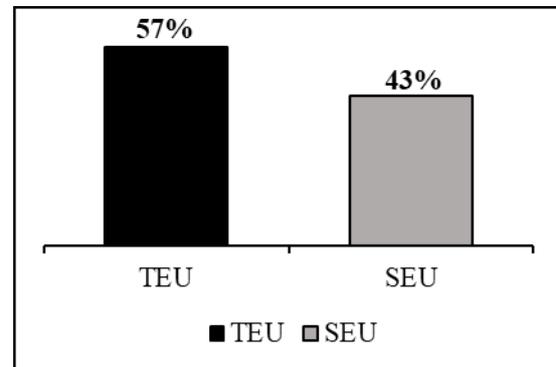
Segundo revela a figura 5, podemos notar que, nas situações em que os personagens de Porchat performam um estereótipo de masculinidade, a variante ‘teu’ foi a mais frequente (72%, 44 ocorrências). Já na figura 6, que reúne dados relativos às cenas em que os personagens de Porchat não performavam um estereótipo de masculinidade, a frequência de uso de ‘teu’ foi comparativamente menor (57%, 4 ocorrências). De modo geral, esses resultados sugerem que o pronome ‘teu’ está, em algum grau, associado ao significado social que podemos identificar como ‘estereótipo de masculinidade’.

**Figura 5** – O uso dos pronomes possessivos de 2SG e a presença do estereótipo de masculinidade



Fonte: Elaborado pelos autores.

**Figura 6** – O uso dos pronomes possessivos de 2SG e a ausência do estereótipo de masculinidade



Fonte: Elaborado pelos autores.

Assim como mencionamos para o parâmetro do estado de ânimo, também aqui, em relação ao estereótipo de masculinidade, é preciso sinalizar que a quantidade de dados analisados foi bem restrita, carecendo de maiores aprofundamentos futuros. Entretanto, também cabe destacar que esses índices vão na mesma direção do que foi observado em trabalhos anteriores (PEREIRA LUCENA, 2016; TOSI, 2021). A diferença, contudo, está no modo de explorar esse aspecto: não estamos falando da variável macrosociológica sexo/gênero masculino, mas sim de um mesmo indivíduo (um ator homem cis heterossexual) que, ao representar personagens distintos, performa uma masculinidade também distinta. A fim de ilustrar melhor essa questão, vejamos os exemplos em (9) e (10):

(9) Presença do estereótipo de masculinidade: o personagem de Porchat está entre amigos e eles fazem comentários vulgares sobre a companheira de um deles

“O problema da gente ter sumido da **tua** vida é por causa do cu da Ju (...)” (Episódio: Ju)

(10) Ausência do estereótipo de masculinidade: Porchat interpreta um repórter homossexual que está entrevistando um cantor

“E eu quero saber um pouquinho, quais são os próximos passos dessa **sua** carreira hétero?” (Episódio: Escritor Branco)

No exemplo destacado em (9), extraído do episódio “Ju”, o personagem de Porchat conversa com alguns amigos sobre a atual companheira de um deles. Só há homens na cena, em um clima extremamente informal. Nesse contexto, o personagem de Porchat nitidamente visa a performar uma masculinidade bastante estereotipada (aliás, a própria situação é estereotipada: homens heterossexuais conversando sobre experiências sexuais com mulheres) e, dentre outros elementos, utiliza a variante ‘teu’.

Em contrapartida, no exemplo (10), extraído do episódio “Escritor Branco”, a situação é bem diferente: Fábio Porchat interpreta um homem homossexual. O personagem é representado de maneira bastante estereotipada: há uma marcação excessiva da orientação sexual do personagem pelo tom de voz, pela movimentação corporal e pela vestimenta. No contexto dessa cena, a variante possessiva que ocorre é ‘seu’. As diferenças entre essas cenas parecem sugerir

uma tendência de associar o uso da variante ‘teu’ a personagens de masculinidade estereotipada, configurando, portanto, esse pronome como um índice de masculinidade.

## Considerações finais

Os resultados apresentados neste artigo ainda são bastante preliminares e constituem os primeiros passos de um projeto de pesquisa mais amplo, no qual buscamos investigar os significados sociais associados às variantes pronominais possessivas de 2SG ‘teu’ e ‘seu’ na variedade do Rio de Janeiro. Apesar disso, consideramos que os primeiros achados são pertinentes e lançam luzes sobre diferentes aspectos que podem ser analisados, mais detidamente, em pesquisas futuras. Destacamos, além disso, a relevância dos dados de fala disponíveis na internet, em forma de vídeo (como no caso do *corpus* analisado), para o desenvolvimento de pesquisas sociolinguísticas. Esse ainda é um material pouco explorado, mas que, sem dúvidas, pode gerar contribuições importantes para o estudo de fenômenos variáveis do português brasileiro.

Conforme descrevemos e discutimos na seção de análise, podemos defender a hipótese de que diferentes significados sociais estão indexicalizados às variantes pronominais possessivas ‘teu’ e ‘seu’. A apreciação dos esquetes humorísticos, especificamente das falas produzidas pelo ator Fábio Porchat no canal Porta dos Fundos, nos revelou que o pronome ‘teu’ parece estar associado à informalidade dos contextos comunicativos, a estados de ânimo marcados pela agressividade e a comportamentos que expressam um estereótipo de masculinidade. Essas conclusões, ainda muito incipientes, puderam ser apreendidas graças a uma abordagem mais estilística da variação linguística (ECKERT, 2012), segundo a qual podemos verificar, na variação intraindividual, a atuação da agentividade e da performatividade do falante.

A sustentação das hipóteses aventadas neste trabalho certamente dependerá da realização de novas investigações, envolvendo *corpora* maiores ou mesmo outros métodos de pesquisa. Em consonância com o exame de dados de produção linguística, será fundamental, também, a realização de experimentos de percepção sociolinguística, a fim de verificar se os falantes, de fato, associam os significados sociais mencionados à variante ‘teu’. Além disso, as investigações futuras serão necessárias ainda para uma melhor compreensão dos usos do pronome ‘seu’, que, embora tenha sido referido neste artigo, não constituía o foco de nossas análises.

## Referências

ARDUIN, J. *A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular teu/seu na região sul do Brasil*. 2005. 124f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis (SC), 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/102637>. Acesso em: 06 abr. 2023.

BATTISTI, E.; OLIVEIRA, S. G. Significados sociais do *ingliding* de vogais tônicas no português falado em Porto Alegre (RS). *TODAS AS LETRAS*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 14-29, mai/ago. 2016. Disponível

em: <http://hdl.handle.net/10183/188693>. Acesso em: 06 abr. 2023. <http://dx.doi.org/10.15529/1980-6914/letras.v18n2p14-29>.

DANTAS, A. M. R. *Gramática e gramaticalização: os possessivos em português*. 2008. 185 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo (SP), 2008. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/14531>. Acesso em: 06 abr. 2023.

ECKERT, P. Three Waves of Variation Study: The Emergence of Meaning in the Study of Sociolinguistic Variation. *Annual review of Anthropology*, v. 41, p. 87-100, 2012.

ECKERT, P. The limits of meaning: Social indexicality, variation, and the cline of interiority. *Language*, v. 95, n. 4, p. 751-776, 2019.

FREITAG, R. M. K.; MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 56, n. 3, p. 917-944, 2012. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4907>. Acesso em: 6 abr. 2023.

GUEDES, D. M. *Possessivos simples e perifrásticos no português brasileiro: investigando a 3ª pessoa*. 2015. 57f. Monografia de graduação (Licenciatura em Letras: Português/Literaturas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2015.

KATO, M. A. A complementaridade dos possessivos e das construções genitivas no português coloquial: réplica a Perini. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. *D.E.L.T.A.*, v. 1, n. 1 e 2, 1985 (107-120).

KIESLING, S. F. Constructing Identity. In: CHAMBERS, J. K.; SCHILLING, N. *The Handbook of Language Variation and Change*. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2.ed., 2013, p. 448-467.

LABOV, W. *The social motivation of a sound change*. *Word*, 19, 1963, p. 273-309.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial. 2008 [1972].

LACERDA, P. F. A. da C. A implementação do possessivo ‘dele’ na língua portuguesa. *Veredas on line*, Juiz de Fora, v. 14, n. 1, p. 20-35, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25137>. Acesso em: 6 abr. 2023.

LOPES, C. R. dos S.; GUEDES, D. M. Formas possessivas de terceira pessoa: confrontando seu e dele a partir da abordagem experimental. *Confluência*, Rio de Janeiro, n. 58, p. 82-105. 2020. Disponível em: <https://www.revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/353/221>. Acesso em: 6 abr. 2023.

OUSHIRO, L. Conceitos de identidade e métodos para seu estudo na sociolinguística. *Estudos linguísticos e literários*, Salvador, n. 63, p. 304-325, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/33777>. Acesso em: 6 abr. 2023. <https://doi.org/10.9771/ell.v0i63.33777>.

PEREIRA LUCENA, R. de O. *Pronomes possessivos de segunda pessoa: a variação teu/seu em uma perspectiva histórica*. 2016. 220 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ), 2016. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1Kqs0xkjY0lcAU1r481gAkvxgxBao0wp4\\_/view](https://drive.google.com/file/d/1Kqs0xkjY0lcAU1r481gAkvxgxBao0wp4_/view). Acesso em: 6 abr. 2023.

PERINI, M. A. O surgimento do sistema de possessivo do português coloquial: uma interpretação funcional. *DELTA*, São Paulo, n. 1-2, p. 1-15. 1985. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/31141/21588>. Acesso em: 6 abr. 2023.

SILVA, G. M. O. *Variação no sistema possessivo da terceira pessoa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

SILVA, S. L. B. *Masculinidades e Feminilidades dentro dos Manuais do Fle (Francês Língua Estrangeira) das visões sexistas às relações de gênero*. 2008. 204f. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Francesa) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Francesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SOARES, A. S. F. *Segunda e Terceira Pessoa – O PRONOME POSSESSIVO EM QUESTÃO*: Uma análise variacionista. 1999. 116f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Paraná, Curitiba (PR), 1999. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/24401>. Acesso em: 06 abr. 2023.

SOUZA, E. H. P. M. de S; SANTANA, N. P. Possessivos de terceira pessoa: usos em correspondências do século XIX, questões teóricas e prescrições gramaticais. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens*. Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Junho de 2013.

TOSI, Brenda Gonçalves. *O estudo da variação teu/seu: uma análise dos possessivos a partir de esquetes humorísticos*. Monografia. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2021.

WEINREICH, U. LABOV, W.; HERZOG, W. MI *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. (1968) Tradução: Marcos Bagno. Revisão Técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].